

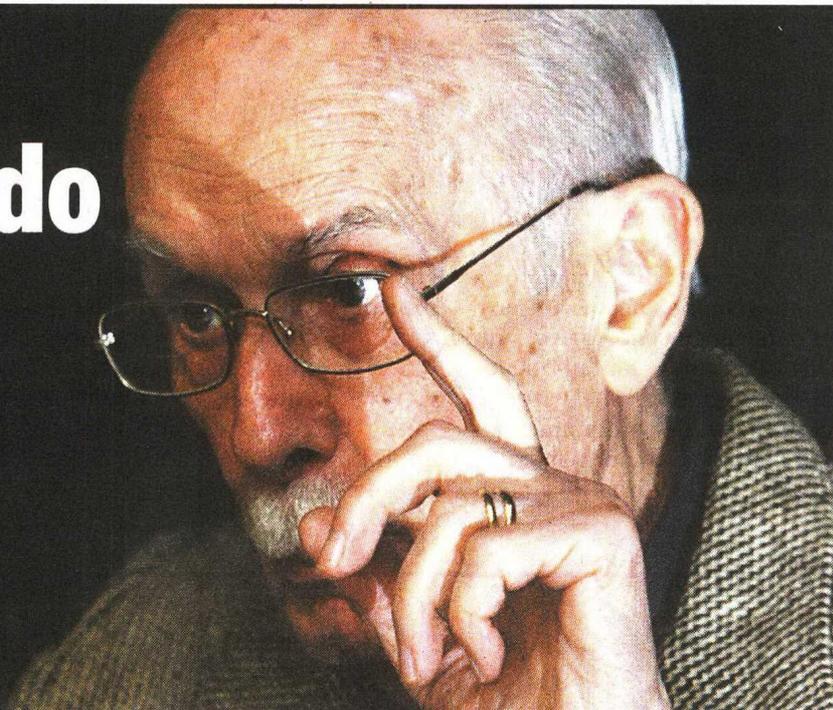
SEGUNDO CADERNO

(1918-2017)

Antonio Candido

CRÍTICO, SOCIÓLOGO E O
MELHOR LEITOR DO BRASIL

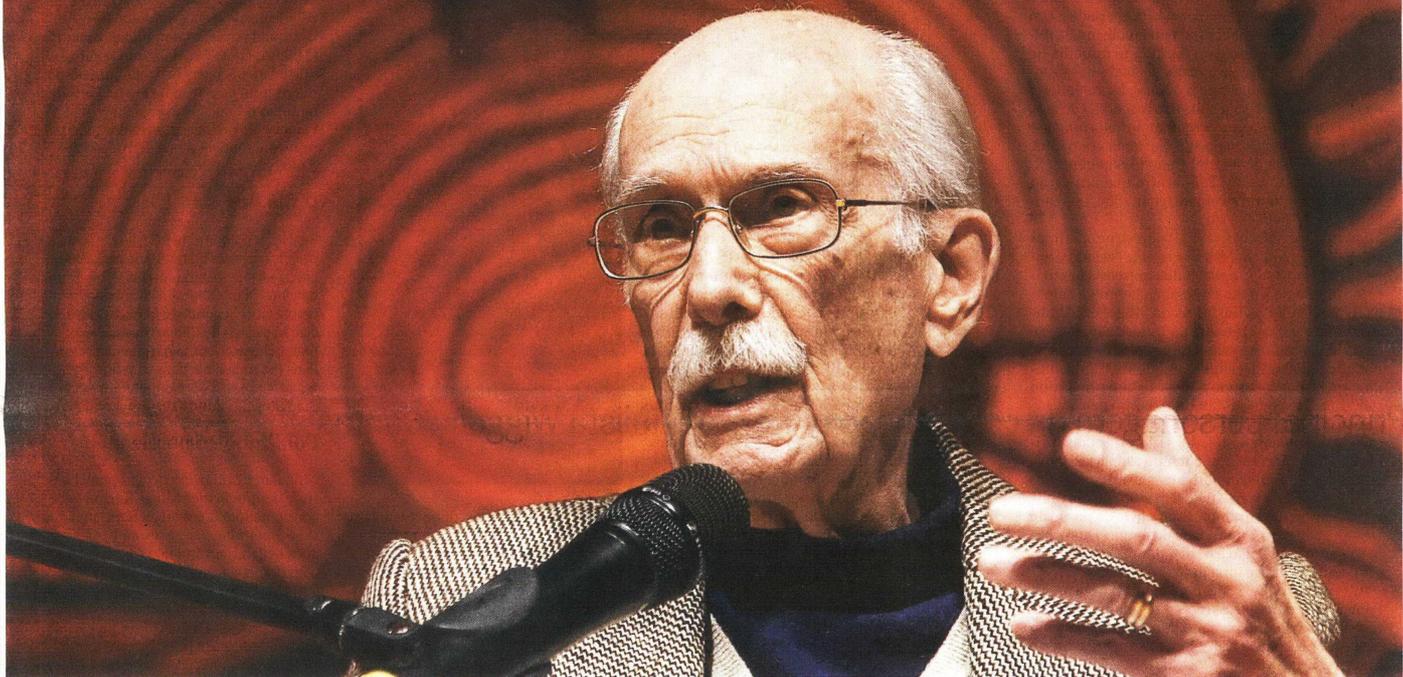
Um dos mais importantes intelectuais do país, autor consolidou conceitos fundamentais para a compreensão da literatura nacional e chegou aos 98 anos lúcido e atento; para o jornalista **MIGUEL CONDE**, foi exemplar em seu modo discreto, mas contundente, de ser subversivo.



ANTONIO CANDIDO

Redescobridor do Brasil

Um dos principais intelectuais do país, crítico e sociólogo ajudou a decifrar a identidade nacional por meio do estudo da literatura



Aos 98 anos, Antonio Candido se mantinha lúcido e atento, dedicando-se até o fim a ler e a interpretar o Brasil — duas atividades que o consagraram como o mais influente crítico literário de seu tempo e um de seus maiores pensadores. Amigos e familiares que conviveram com o escritor e sociólogo, autor de obras seminais como “Formação da literatura brasileira”, contam que, apesar de quase não sair de casa nos últimos anos por causa da idade avançada, Candido continuava informado sobre a produção atual e a realidade do país.

— Ele se dizia desinteressado das coisas, o que era da boca pra fora, porque estava sempre comentando uma notícia ou outra — diz a historiadora Marina de Mello e Souza, filha do escritor. — Em um momento como este, a morte de uma pessoa como Candido representa um mundo que acabou, do sonho de criar uma igualdade que não aconteceu. Ele via no noticiário a ascensão da direita, a guerra na Síria, a intolerância... Tudo isso o espantava muito.

Para diferentes gerações, Candido foi um divisor de águas. “Sem dúvida o estudo da literatura brasileira é AC e DC”, publicou em seu perfil no Twitter o cronista Antonio Prata. Era uma “figura que jamais saiu do seu tempo”, acredita o filósofo Adauto Novaes, seu amigo.

Nascido no Rio em 1918, o tempo de Candido foi o século XX, mas com o olho no XIX. Descendente de barões do Império, morou dos 3 aos 10 anos de idade na mineira Santa

Rita de Cássia, onde presenciou costumes e pensamentos do século anterior. Nos últimos anos, porém, se sentia excluído do mundo contemporâneo, revela Marina.

— O meu pai nasceu em 1918, mas no interior de Minas Gerais ele viveu uma experiência de século XIX. Então, ele viveu experiências do século XIX e viveu quase todo o século XX. O século XXI não lhe agradou.

“IMORTALIDADE” RECUSADA

Candido chegou a prestar exame para a faculdade de Medicina antes de ingressar, em 1939, nos cursos de Direito e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP). Nessa época, em 1940, estreou na imprensa no exercício da crítica literária, na revista “Clima”.

A linguagem fluente e a visão aguda fizeram com que fosse contratado para assinar críticas “de rodapé” na “Folha da Manhã” (atual “Folha de São Paulo”) e, em seguida, no “Diário de São Paulo”. Desde o início, seus textos se caracterizaram pela clareza. Pertencente às primeiras gerações de formação universitária na área de ciências humanas no Brasil, Candido era identificado com um estilo de raciocínio estético então novo no país. Foi um pensador que transitou entre dois universos — o da clareza exigida no cotidiano jornalístico e o da profundidade acadêmica.

— A gente descobria as dificuldades do pensamento através da extrema simplicidade com que

ele escrevia — lembra Adauto Novaes. — Ele transformava literatura numa grande análise filosófica.

Com o clássico “Formação da literatura brasileira”, de 1959, Candido consolidou conceitos fundamentais não apenas para se entender a literatura brasileira como para aprofundar as interpretações sobre a cultura nacional. O livro, que busca reconstituir a história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura, venceu o Jabuti em 1960 (ele receberia o maior prêmio do país outras três vezes).

— Candido mostrou o lugar central da literatura de ficção e da poesia nas nossas tradições intelectuais e artísticas mais amplas, dado o interesse constante da literatura pela “realidade social” — diz André Botelho, professor da UFRJ.

PROSA

Em 1998, Candido ganhou o Prêmio Camões. Foi professor emérito da USP e da Unesp e doutor honoris causa da Unicamp, de Campinas (SP). Nunca se candidatou a vaga na Academia Brasileira de Letras, apesar dos numerosos convites.

— Se ele se candidatasse à vaga na Academia certamente seria ungião, mas nunca quis. Não por alguma discordância, era uma questão da personalidade dele mesmo — comenta o presidente da ABL, Domício Proença Filho.

Sempre teve militância política de esquerda. Foi presidente da União Brasileira de Escritores (UBE) e um dos idealizadores do Partido dos Trabalhadores, em 1980. Em 2009, quando a Tropa de Choque da Polícia Militar de São Paulo foi chamada pela USP, na época em greve, Antonio Can-

didio fez rara manifestação pública para defender os estudantes e funcionários.

— Ele foi um extraordinário professor, que formou gerações de pessoas — diz o ex-ministro da Educação Renato Janine Ribeiro. — E também tinha uma dignidade enorme. Mesmo quem discordava de suas posições tinha um profundo respeito por ele, isso é algo muito raro.

OPÇÃO PELOS OPRIMIDOS

Para um de seus principais discípulos, o crítico literário Roberto Schwarz, Candido era uma figura singular, cuja “ausência de vulgaridade ligava-se à antipatia pela opressão”.

— Ele viveu muito tempo e tinha uma memória extraordinariamente exata e viva das muitas coisas lidas, presenciadas e ouvidas — diz Schwarz. — O conjunto era bem repertoriado, como um fichário de pesquisador. Como ele conservou até o fim a agilidade mental, estava sempre reprocessando o que sabia, examinando velhas anedotas, comparando os tempos, os lugares e as leituras, chegando a novas conclusões. Essas recapitulações tinham viés moderno e crítico, pois eram atravessadas pelo partido sistemático que ele havia tomado pelos oprimidos, fossem eles os pobres, as mulheres, os negros, os subdesenvolvidos.

Antonio Candido de Mello e Souza morreu na madrugada desta sexta-feira. Estava internado no hospital Albert Einstein, em São Paulo. Foi casado com Gilda de Mello e Souza, morta em 2005, com quem teve três filhas, Ana Luísa, Laura e Marina. ●

HOMEM E OBRA QUE DESPERTARAM PROFUNDA ADMIRAÇÃO

“ERA O MESTRE DE TODOS NÓS. AJUDOU A INTERPRETAR O PAÍS E COMPREENDIA COMO A LITERATURA É ABRANGENTE”

NÉLIDA PIÑÓN
Escritora

“SEM QUIXOTISMO, ERA A CERTEZA DE QUE O CONHECIMENTO VIVO DEPENDE DESSA DIMENSÃO, SEM A QUAL NÃO SABEMOS DAS COISAS”

ROBERTO SCHWARZ
Crítico

“NO SEU MODO DE SER, CONFLUÍAM A SIMPLICIDADE, O HUMOR, A CORAGEM E O EMPENHO EM SER JUSTO NO TRATO DAS PESSOAS”

CELSO LAFER
Jurista

“VIVIA DE ACORDO COM SUAS CRENÇAS E ERA COERENTE. SEMPRE DIVIDIU O QUE TINHA E RESPEITAVA O PRÓXIMO”

MARINA DE MELLO E SOUZA
Historiadora e filha de Antonio Candido

PROSA

ANTONIO CANDIDO

REDESCOBRIDOR DO BRASIL

Autor de ensaios de leitura transformadora, com argumentação sempre sóbria e sólida, Antonio Candido foi modelo para críticos e intelectuais brasileiros de várias gerações

CONTUNDÊNCIA COM ELEGÂNCIA

MIGUEL CONDE

segundocaderno@oglobo.com.br

Numa era de extremos, como o historiador marxista Eric Hobsbawm descreveu o “breve” século XX, Antonio Candido sempre definiu suas posições de maneira incisiva. “Este livro não tira o sono de Roberto Simonsen”, afirmou certa vez, durante discussão com Mário de Andrade e Fernando Sabino a respeito dos romances de Otávio de Faria, nos quais os dramas íntimos da consciência católica guardavam, a seu ver, uma serena cumplicidade de fundo com a ordem burguesa.

O senso crítico que o impelia a perturbar a paz de espírito dos industriais, no entanto, inspirava também aversão ao dogmatismo. (Recordado décadas mais tarde, o juízo sobre Faria lhe pareceria “sectário.”) Ao realismo socialista difundido no tempo de Stálin, que pretendia subordinar a criação literária a seu valor instrumental na luta política, atribuiu “um ponto de vista do tipo Manequinho da Praia de Botafogo (‘sou útil mesmo brincando’): Comparação cáustica da doutrina pomposa de Jdanov à irreverência meio boboca da inscrição gravada ao pé da estátua carioca.

Candido tampouco se deixou levar pela virulência que, em meados do século XX, marcaria a relação de parte da crítica universitária com o meio jornalístico, onde ele próprio despontou como colunista da “Folha da Manhã”. Enquanto Afrânio Coutinho denunciava o “impressionismo” da crítica de rodapé, Antonio Candido chegaria na juventude a dizer de seu principal expoente, Álvaro Lins, que ele era “o maior crítico de ficção que já apareceu no Brasil”. Muito embora, diria também, com ironia certa, o sentencioso Lins parecesse “incapaz de duvidar”.

CUMPLICIDADE PERSUASIVA

Na crítica “integrativa” ou “integradora” que Antonio Candido dizia praticar, a abordagem sociológica era determinante, mas não exclusiva. Em vez de estabelecer a palavra final, indicava um ponto de vista possível. Daí que seus textos, sem deixar de enunciar hipóteses fortes e originais de leitura, esboçassem de maneira abreviada outros tantos ângulos de análise alternativos. O comentário crítico conservava assim algo da plasticidade própria do ato de leitura. O andamento preciso dos argumentos não dispensava a distensão ocasional das observações digressivas, o que conferia a seus ensaios um ar de cumplicidade que acabava por acentuar sua força persuasiva.

Menos sentenças do que intervenções num diálogo, não era raro que seus textos redefinisseram os termos do debate proposto. De maneira mais de-

cisiva, talvez, na maneira de examinar a relação entre forma literária e processo social. Rejeitando a redução dos textos literários a seu aspecto documental, Candido argumentava que seu conteúdo histórico não se resume ao registro de costumes ou acontecimentos da época em que foram escritos, mas se manifesta também na “redução estrutural dos dados externos”. Ou seja, na formalização estética de princípios constitutivos da vida social.

“Dialética da malandragem”, seu conhecido ensaio sobre “Memórias de um sargento de milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, realiza esse projeto crítico de maneira original, ao relacionar o andamento e a dicção do livro à oscilação entre ordem e desordem característica das relações de favor vigentes na sociedade brasileira. Um de seus discípulos, Roberto Schwarz, veria no ensaio “o primeiro estudo literário propriamente dialético” da crítica brasileira.

VISÃO COMPLEXA, PORÉM CLARA

Ao mesmo tempo em que refinava a compreensão das relações entre literatura e sociedade, Candido não deixava de insistir na autonomia relativa da obra diante de sua conjuntura histórica, pois “a mimese é sempre uma forma de poiese”. Representação e invenção se tornavam assim elementos igualmente indispensáveis ao ato criativo, definido como uma “transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos.”

A clareza dos argumentos, combinada ao registro sóbrio da exposição, podia fazer soarem consensuais esses e outros momentos em que o crítico explorava de maneira inventiva pontos controversos de seu ofício. Caso da noção de “sistema literário” formulada em seu livro mais conhecido, “Formação da literatura brasileira” (1959), com sua distinção entre “manifestações literárias” e “literatura”, que implicava pensar a constituição das literaturas nacionais em relação às condições de circulação e recepção das obras literárias em diferentes países.

Modelo para muitos críticos que ajudou a formar à frente do departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, sem falar dos leitores para quem o encontro com seus ensaios foi um “momento decisivo”, Candido foi também exemplar em seu modo discreto, mas contundente, de ser subversivo. ●

Miguel Conde é jornalista, editor de livros e doutrinando em Letras na PUC-Rio. Foi curador da Flip em 2012 e 2013

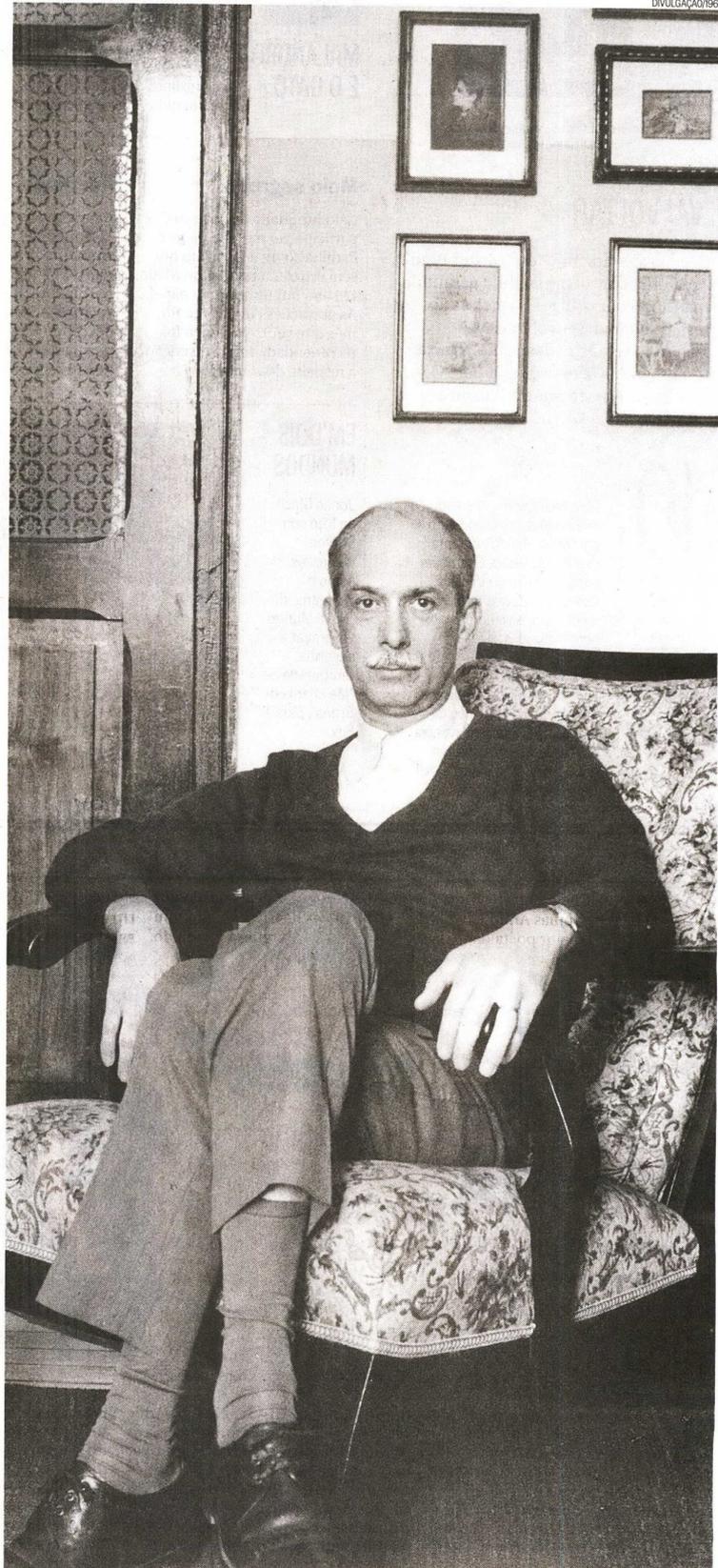
Sublinhado

Avesso a entrevistas, o crítico conversou com repórteres em Paraty

A “aula-entrevista” de Antonio Candido na Flip de 2011

“A crítica universitária não arrisca nada, o juízo já está feito. Não é que seja mal, não é tarefa dela se arriscar. Na universidade houve sempre a seguinte tradição, no Brasil e fora: não se escreve sobre autor vivo, pois, enquanto ele está vivo, pode mudar”

Naquele ano, Candido fez a conferência de abertura da festa, que homenageou Oswald de Andrade.



Professor. Em Poços de Caldas, em 1967, oito anos depois de lançar o clássico “Formação da literatura brasileira”

Continuação

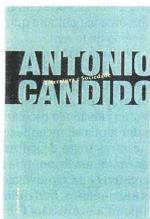
ANTONIO CANDIDO

REDESCOBRIDOR DO BRASIL

Fundamental

Na obra, de 1965, crítico discutiu a relação entre a obra e o seu contexto

"Literatura e sociedade"/ Antonio Candido



Lançado em 1965, foi nesse trabalho que Candido desenvolveu um aspecto fundamental do seu pensamento, já abordado em outros livros e artigos: a relação entre a obra de arte e o contexto onde ela é produzida. Nem totalmente autônoma nem um simples reflexo das estruturas sociais e econômicas. Para o crítico, entre literatura e sociedade se estabelece uma relação dialética. Não é possível,

assim, separá-los. Os dois lados deveriam ser compreendidos em conjunto, levando em conta a integridade da obra. Candido defende que o condicionante social não é causa nem significado de um romance, por exemplo, mas desempenha um papel na sua estrutura. O ofício do crítico literário, argumenta o professor, é investigar esses fatores que atuam na organização interna da obra.

Resenha

GENEALOGIA DA CRIAÇÃO À BRASILEIRA

Leia abaixo análise publicada na Prosa quando o clássico de Candido, 'Formação da literatura brasileira', foi relançado, em 2006

ISABEL LUSTOSA

Através do melhor texto, flui nas páginas deste livro o mais inteligente pensamento sobre a literatura brasileira. Antonio Candido estabelece aqui a genealogia de nossa maneira de escrever, pensar e criar tal como foi se afirmando ao longo de nossa história de nação. A elegância de estilo, o senso de humor apurado, a clareza do argumento, tudo resplandece e encanta neste verdadeiro trabalho de sociólogo que, através de método de análise especificamente desenvolvido para a matéria, vai deslindando as linhas que se entrecruzaram para produzir, no final do século XIX, o gênio de Machado de Assis. Gênio cujas melhores floresções se deram no âmbito de outra fase de nossa história literária que não é contemplada aqui.

ROMANTISMO É O TEMA MAIOR DO LIVRO

Pois o tema maior deste livro é o romantismo. Mesmo o arcadismo que o antecedeu é investigado como antessala daquele e os elementos de realismo e naturalismo que se esboçam em sua fase final apenas como sua consequência. Fazendo justiça à influência do árcade Cláudio Manuel sobre o discípulo, Candido destaca a beleza e o realismo autoral da talentosa de Tomás Antônio Gonzaga. Ao talento do maior poeta daquela fase se soma a integridade de uma biografia sem mancha onde a lealdade ao amigo foi além do cárcere. O poeta que cantou Marília, ao contrário dos outros inconfindentes, como vamos descobrir nas páginas das biografias que o autor reúne no final do último volume, terminou seus dias próspero e feliz em Moçambique para onde fora degradado.

Um final bem diferente do que foi dado a tantos outros, como os vários e fascinantes padres atormentados de nossa literatura: Duroão, seu carreirismo e seus dramas de consciência; Montalverne, sua imensa vaidade e a cegueira que o afastou do púlpito onde brilhara; Junqueira Freire e sua sensualidade aprisionada sob o hábito de monge. Na obra de cada um, contribuições fundamentais para nossa cultura: no Caramuru de Duroão, a força do exotismo de nossa paisagem tropical pela primeira vez tematizada poeticamente em versos singelos. Em Montalverne, o tremendo papel da oratória reli-

giosa que impulsionou a vida cultural da corte joanina e animou a campanha da Independência. Em Junqueira Freire, a religiosidade e a culpa das paixões reprimidas produzindo uma obra típica de nossa cultura, que teve na força inspiradora do cristianismo uma de suas matrizes mais férteis.

Candido destaca o papel fundamental de José de Alencar, cuja obra viabilizou esteticamente o indianismo como matriz da ficção romântica. Na mais célebre polêmica literária do século XIX, ao demolir a "Confederação dos Tamoios", obra do poeta preferido do imperador, o jovem Alencar desenvolveu a agenda de sua própria obra. Nela, o índio brasileiro seria romantizado e idealizado dentro do padrão que fora proposto, aliás, por um francês, Ferdinand Denis. Um índio de inspiração claramente europeia, mas que seria o elemento gerador de temas que tiveram na poesia de Gonçalves Dias e na literatura de Alencar o seu mais rico aproveitamento. Também constata a influência de Casimiro de Abreu e de sua poesia de cesto de costura. Poesia diurna de quintais e pés de lanjeira, cheia de reminiscências da infância e que deu, ao lado dos romances de Macedo, um tom de família burguesa à vida do Brasil imperial.

Da galeria dos românticos malditos, o lugar principal é de Álvares de Azevedo, gênio adolescente, de mente noturna e povoada de sombras, orgias em cemitérios e noivas cadáveres. Menino rico que, mesmo tendo morrido aos 20 anos, foi capaz de influir de forma decisiva sobre uma vertente importante de nosso romantismo. Seu companheiro de farra dos tempos da Faculdade de Direito de São Paulo, Bernardo de Guimarães foi o autor do único poema satanista de nossa literatura, o inacreditável "Orgia dos duendes", que faz lembrar os quadros de Jerônimo Bosch em sua delirante, sádica e movimentada sequência de situações absurdas. O mesmo Bernardo que, tendo depois produzido bons romances rurais, se tornaria célebre por um livro de menor importância: "A escrava Isaura".

Candido nos chama a atenção para o lugar que o romantismo da última fase deu ao negro, através, principalmente da poesia de

Castro Alves possibilitando sua inclusão como elemento estético, o que viabilizaria seu reconhecimento no século XX como uma das forças matrizes da cultura brasileira. No entanto, restavam ainda resquícios do preconceito pois, tal como o índio idealizado a partir de qualidades e valores tipicamente brancos, os negros do romantismo eram quase sempre mulatos na descrição, conservando feições e atitudes tipicamente dos brancos. Nesse contexto *fin du siècle*, choca a naturalidade com que o sofisticado Taunay conta em suas memórias como havia comprado uma jovem índia ao pai dela. Talvez, como revela, a única mulher que realmente amou e que lhe proporcionaria, além das vantagens previsíveis em tal acerto, inspiração para o seu mais importante livro: "Inocência".



"FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA"

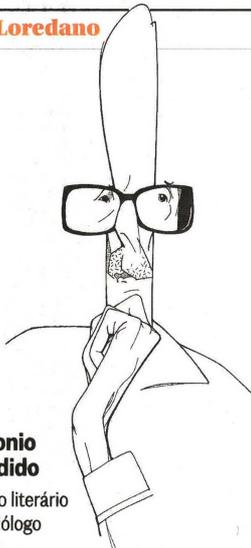
AUTOR: Antonio Candido
EDITORIA: Ouro Sobre Azul
PÁGINAS: 800
PREÇO: R\$ 112

OBRA ANTECIPA MÉTODOS

"Formação da literatura brasileira" antecipa o uso de métodos que só emergiriam na teoria literária e nas ciências humanas brasileiras de um modo geral nas décadas de 1980 e 90. Surpreende hoje constatar que, no tempo que primavam as ortodoxias, Candido já acentuava a necessidade de pensar o contraditório; da interdisciplinaridade; do uso da intuição crítica para entender e compreender a literatura e os elementos sensíveis que a possibilitavam como expressão de nossa cultura. Sem tirar o pé do chão do método, produz um universo plástico e cheio de movimento, pontuado de forma econômica e necessária por seus próprios sentimentos e opiniões. Assim é que, além de ter escrito uma obra cheia de pensamento sobre nossa trajetória cultural, também nos proporciona uma leitura amável onde se nos revela a importância fundadora do romantismo desde o final do século XVIII até os nossos dias. De fato, nunca deixamos de ser românticos, e, tal como os poetas da Intendência, buscamos ainda hoje a nossa essência cultural, ainda hoje procuramos, através de nossa arte, nos afirmar e entender como povo e como nação. ●

Isabel Lustosa é historiadora e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa

Loredano



Antonio Candido

Crítico literário e sociólogo

Outras obras



Os ensaios do livro estão divididos em três partes. Na primeira, são analisados quatro romancistas preocupados em construir a impressão de verdade. Na segunda, o crítico comenta Kafka, Kafka, Dino Buzzati e Julien Gracq. Já a terceira aborda quatro poemas brasileiros, dos séculos XVIII ao XX.



O livro contém seis textos, cinco dos quais abordam o problema da personalidade dividida na obra de romancistas que pertencem a diferentes literaturas: inglesa, francesa, portuguesa, brasileira.

VERSO

UM OUTRO LADO DA HISTÓRIA

FILME INÉDITO REVELA UM ESCRITOR MAIS SOLTO

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

Um Antonio Candido que canta e conta piadas, solto e desenvolve na conversa — exatamente na contramão da imagem de sisudez e reclusão que era associada ao escritor e crítico literário morto ontem, aos 98 anos. É o que se poderá ver no longa-metragem "3 Antônios e um Jobim", do diretor Dodô Brandão, que, 24 anos após ter sido filmado, deverá ser lançado em julho deste ano.

O filme foi feito a partir de um encontro entre quatro Antônios fundamentais para a cultura brasileira: o Candido, o Houaiss (filólogo, morto em 1999), o Callado (escritor e jornalista, que se foi em 1997) e o Carlos Jobim (mestre da canção, morto em 1994). Eles participam, juntos, de um almoço, e depois são entrevistados individualmente.

Foi-se o último Antonio, e uma pena que ele não tenha visto o filme pronto — lamenta Dodô, que soube pela reportagem sobre a morte de Antonio Candido.

Patrocinado pela Fundação Banco do Brasil, "3 Antônios e 1 Jobim" teve apenas duas exhibições públicas e uma em TV, de uma versão inicial de 53 minutos, em 1993.

Não consegui convencer os produtores a fazer um longa, na época as distribuidoras de cinema não apostavam em documentários — explica o cineasta, que agora tem uma versão de 78 minutos do filme à espera de uma autorização da Ancine para estrear nos cinemas. — Tenho 15 horas de material filmado. O problema da edição é que a gente tem vontade de botar tudo lá.

Dodô (que havia despedido na direção em 1987, com o longa "Dedé Mama-

ta") conta que foi convidado para dirigir "3 Antônios e 1 Jobim" pelo pai da ideia, Paulo Roberto Abrantes:

— Eu cresci com os Antônios na minha casa, eles eram muito amigos dos meus pais e estavam sempre lá para almoços.

No entanto, Dodô teve que cortar um dobrado para convencer Antonio Candido a participar do filme:

— Ele foi o último que eu chamei, só depois de alinharmos todas as agendas de Tom, do Callado e do Houaiss, que na época era ministro da Cultura. Liguei e ele, educadíssimo, declinou. Eu disse que era uma pena, já que os outros Antônios tinham aceitado e estavam honrados em não contrair. E ele: "Ah, então pega mal... tenho que ir".

O filme começa com a chegada de Antonio Candido ao Rio, num voo da

ponte aérea. E acompanha a sua chegada no Museu da Chácara do Céu, em Santa Teresa, onde, no primeiro dia de filmagem, aconteceu o almoço reunindo os Antônios, com algum *à la cool*, que o intelectual paulista não listano com sumiu com moderação. A entrevista individual foi feita na casa do escritor, em São Paulo. Em vez do jornalista Zuenir Ventura, que conduziu as outras entrevistas do filme, o convidado para puxar o papo com Candido foi o amigo e crítico de teatro Décio de Almeida Prado (1917-2000).

— O Antonio Candido é genial, e os espectadores no Rio ficaram impressionados com ele no filme; eles não o conheciam direito. Nas filmagens, ele se soltou de uma maneira impressionante. Foi a única vez em que ele se deixou filmar — afirma Dodô Brandão.

Atualmente, "3 Antônios e 1 Jobim" só pode ser visto em cópias ilegais, uma das quais o diretor ainda não conseguiu retirar do YouTube. ●